Desconstruindo a crise

Por Taciana Gouveia
SOS CORPO- Instituto Feminista para a Democracia
ABONG –Associação Brasileira de ONGs

Há exatos um ano que estamos todos/as girando em torno da "crise". A força dessa palavra, desse momento é tão grande que dispensa até complementos, ou seja, quando dizemos “a crise” tomamos por suposto que todo mundo compreende a que fato estamos nos referindo. A crise tem interpretações variadas, sentidos amplos e divergentes que, na maioria das vezes, resulta das posições políticas, dos projetos políticos em disputa.

Assim o primeiro ponto que quero destacar é que precisamos desconstruir a unidade em torno do conceito/ palavra "crise" porque dessa desconstrução depende a nossa posição diante dos processos sociais, políticos e econômicos em curso, ou de modo mais amplo “saber em que planeta queremos viver e que humanidade queremos nos tornar.”(Bensaid,2008). [\[1\]](#)

Deveria nos causar espanto que a crise financeira oriunda das especulações capitalistas diversas da economia dos Estados Unidos seja pensada e vivida com A Crise ao mesmo tempo em que vários outros processos políticos, econômicos e sociais que historicamente têm marcado a vida de um sem número de pessoas não seja nomeado e tomado como crise. Exemplos não nos faltam, gostaria apenas de marcar um deles :o que se passa a séculos na África é algo da ordem de uma crise profunda e trágica, mas nós acostumamos a lidar com tal fato como se ele fosse algo do estado de ser do mundo, apesar dele dormimos sem sermos assombrados /as por pesadelos- ou sonhos para algumas/uns- de que mundo pode acabar ao abrirmos os olhos. Por que será que as coisas são assim ?

Penso que a transmutação de uma crise financeira de uma grande potência capitalista mundial Na Crise reflete fortemente a força da dominação até mesmo na definição do que seja ou não uma crise.Vejamos.

A palavra crise significa que algo que está em risco, um risco muito grave que pode levar ao seu desaparecimento. Ora, que esteve / está em risco ? O sistema capitalista ?

Na minha perspectiva, não se passou nada dessa magnitude, apenas problemas graves nos processos de acumulação, ajustes nos mecanismos e modalidades do próprio sistema. Tanto que soluções foram encontradas com relativa rapidez, soluções estas compatíveis e extremamente funcionais ao capitalismo, nenhuma " humanização", nenhuma ampliação de direitos apesar dos discursos eloqüentes das potências capitalistas quando do começo da " crise". Nada se passou e o mundo que vivemos continua desigual, injusto, discriminador,alienante. A dominação se mantém exatamente como sempre foi. Mas, penso que há algo que precisamos refletir, refazer, começar de novo.

Faço tal afirmação por considerar que, do ponto de vista dos sujeitos políticos que lutam por transformações radicais na sociedade, deixar- nos enredar pela idéia de que está foi/é A crise do sistema capitalista é supor que o capitalismo é capaz se ser o agente da sua

vida e da sua própria morte, dado que não foi a ação de nenhum sujeito, nenhum conflito oriundo das contradições entre os vários sujeitos que são explorados e oprimidos que levou ao surgimento da “crise”. Desde modo, bastar-nos-ia esperar a autofagia capitalista para começarmos a criar ou viver no novo ou outro mundo, dizendo apenas : " nós avisamos que isso não daria certo".Uma posição assim é passiva e não ativa, uma posição assim é moral e não política.

Nesse sentido a “crise” terminou por revelar - ou confirmar - o enfraquecimento das nossas alternativas para a transformação da sociedade e das lutas políticas que precisamos construir e travar. No limite, a “crise” aponta para o risco da ausência de utopias e isto, com certeza, é algo que não podemos arriscar.

Parece-me, então, que uma primeira e urgente desconstrução é exatamente rever e disputar politicamente os termos que usamos e ,por conseqüência, as realidades que com eles criamos. Não apresento respostas, apenas coloco para nós algumas perguntas, até mesmo por acreditar que a inquietação é o momento inaugural das possibilidades de superação do estado das coisas, das mudanças no sentido do novo.

Qual é para nós o sentido da palavra crise ? O que nos afeta como humanidade ao ponto de definirmos uma situação como de crise ? Temos que enfrentar crises dos sistemas todos que nos oprimem ou produzi-las para que outras possibilidades de humanidade possam se estabelecer ?

Vamos nos manter no vocabulário da dominação que diz que toda crise gera oportunidades, quando as tantas e tantas crises geradas pelo sistema capitalista patriarcal, heterossexista e racista só têm produzido misérias várias ?

Vamos ajustar nossas palavras à gramática que nega sujeitos e nos quer objetos, utilizando idéias como que estamos vivendo numa "crise civilizatória" sem nos questionar sobre de que civilização estamos falando e, mais ainda, o que significa civilização ? Vivemos em algum momento algo que pudemos nomear como civilização para que agora ela esteja ameaçada ? Buscamos civilidade ou uma humanidade onde as relações sejam igualitárias e justas para todas e todos ?

Por fim, acredito que precisamos cada vez mais de outras palavras que sejam o suporte, que expressem a nossa utopia, que as fortaleça e produzindo cotidianamente outros sentidos para o mundo. A invenção das possibilidades, assumindo em todas as nossas ações o que dizem Larrosa e Kohan sobre o ato de educar : " educamos para transformar o que já sabemos, não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade que esse ato de educação, essa experiência em gestos, nos permita libertar-nos de certas verdades, de modo a deixar de sermos o que somos, para ser outra coisa além do que já vimos sendo"[\[2\]](#)

[\[1\]](#) Bensaid, Daniel – Os Irredutíveis- Teoremas da Resistência para Tempo Presente. São Paulo. Boitempo, 2008.

[\[2\]](#) Larrosa, Jorge e Kohan, Walter IN Rancière, Jacques “ O Mestre Ignorante. Cinco Lições sobre a Emancipação Intelectual”. Belo Horizonte. Autêntica. 2007